

Harvey DeCruz

Cidades e Serviços

“Transição é feita com as Forças Armadas”

Esta é a íntegra do discurso do presidente José Sarney no almoço oferecido pelas Forças Armadas:

“Agradeço as generosas palavras do ministro Moreira Lima, intérprete do pensamento dos demais ministros militares e de todos que aqui se encontram.

Esta cerimônia tem, como ele afirmou, um simbolismo que transcende as pessoas, para ganhar o sentido maior das instituições.

Não é somente uma simples confraternização. É a consciência para o fato de que o chefe supremo das Forças Armadas deve ter, como um dos seus objetivos, uma absoluta integração com seus comandados. Com essa conduta se estabelece o clima necessário ao exercício do comando pela confiança, pelo exemplo, pelo desprendimento, patriotismo e sentimento de justiça, indispensáveis à autoridade. Em razão dessa postura, o dever do chefe supremo é zelar pelos subordinados. Dar-lhes meios de exercer a sua missão, defendê-los a condição de dignidade, não permitir em nenhuma hipótese o seu desprestígio, assegurar-lhes o respeito, condições de adestramento, de vida digna, de bem-estar. Fazer aquilo que Camões eternizou no verso: “...Nunca louvarei/ó Capitão que diga ‘não cuidei’”.

Forças Armadas fracas são sinônimo de país fraco, débil e desintegrado. Forças Armadas despreparadas são sinônimo de insegurança para a Nação, ameaça para a paz interna e desvalia internacional. E, sem paz — interna e externa —, não se pode pensar em progresso. E sem desenvolvimento não se têm empregos, nem melhor distribuição de renda e qualidade de vida, nem investimentos, e a esperança morre sem perspectiva de futuro melhor.

Nesse universo complexo das sociedades modernas têm importância fundamental as Forças Armadas e a sua capacidade de ação, como fonte de estabilidade e de condições básicas para a construção da riqueza nacional.

A missão constitucional de chefe supremo das Forças Armadas, atribuída ao presidente da República, obriga-o, portanto, a zelar por elas, a ser o primeiro a defendê-las e preservá-las, e prestigiá-las. Esse o dever de todo chefe. A Aeronáutica, o Exército, a Marinha estão a serviço da Nação e da defesa das instituições. Por isso jamais podem ser debilitadas. Descuidar-se dessa atribuição de chefia é recuar de um dos deveres primordiais do cargo. Só assim as Forças Armadas estarão aptas a cumprir com os ordens que lhe forem determinadas. Sem preparo, sem adestramento, sem condições profissionais, desmotivadas, descoordenadas, elas certamente não terão como

cumprir as missões determinadas pelo chefe supremo.

Felizmente, esta não é a situação das Forças Armadas brasileiras.

Senhores, tenho procurado, desde os primeiros dias do meu governo, dar condições de melhor preparo profissional, de melhores condições de vida, de zelar pelo seu respeito, de defendê-las dos seus inimigos, daqueles que pretendem denegrilas, de promover cada vez mais a sua unidade, integrando-as sem discriminação na estrutura global do País.

Graças a essa diretriz vemos hoje superados os ressentimentos, uma perfeita união entre civis e militares, um diálogo reflexivo sobre nossos problemas, com a consciência de que somos um todo, conscientes de que a transição democrática, no Brasil, está sendo feita com os militares e nunca contra os militares.

Assim foi possível, nestes dois anos e nove meses, alcançar os avanços democráticos que alcançamos, e que não têm precedentes — em tão pouco tempo — nem na nossa História nem na história de outros países que buscaram o caminho da democracia, sair de um regime autoritário para um regime de estado do direito, sem traumas, sangue, divisões irreversíveis.

Restauramos todas as liberdades, chamamos todos à participação, sem discriminação ideológica, para ocupar os seus espaços. Convocamos a Assembleia Nacional Constituinte e, em meio aos maiores debates, às mais acirradas defesas de teses, estamos concluindo esse processo sem comprometimento da paz interna, evitando a violência e a ruptura.

Esse trabalho é a função do homem de Estado com uma visão maior da História do País, do seu passado e do seu futuro. Não foram fáceis as condições em que se projetou e teceu essa obra de engenharia política. São exercícios de paciência, de compreensão, de negociação, de transigência, de despojamento da sedução de imposições inerentes àquelas que marcam todo exercício do poder.

A um só instante coube-me amargar a tragédia, lutar contra a recessão, aplacar a contestação, administrar a ebulição de uma sociedade em mutação, enfrentar as adversas condições de emprego, de poupança externa, interna e estatal, de desemprego, enfim problemas de todos os matizes. A política será sempre um exercício de ajustamento, talvez aquilo que Bismark chamou a “arte do possível”. Minha luta ficou sempre entre o fantasma do regresso e a desgraça da violência política organizada e clandestina, como fonte de usurpação do poder.

Tenho-me orientado “na mediação de oposições e equilíbrio de interesses divergentes, que são

reais, surgem de conflitos e grupos sociais”, e que são exacerbados em todos momentos de transição.

E a política, para não desprender-se de sua base moral, tem de ter os seus limites.

Não há democracia sem a compreensão de que é um regime que tem de conviver sempre com a divergência.

E a função do presidente é a de harmonizar conflitos.

Nesse contexto, as Forças Armadas do Brasil foram impecáveis, no cumprimento de sua missão ajudando a consolidar as instituições e prontas a defendê-las. Aptas a preservar a ordem interna, livrar o País de qualquer ameaça, manter o nosso prestígio e segurança externa, com unidade e grande patriotismo. Lembremos a lição de Castelnau: “O valor de um grupo depende do valor pessoal dos indivíduos que o compõem, porém, mais ainda, desse imponderável que se chama a força da coesão”. Nunca, em nossa História, vivemos um momento em que precisássemos tanto da unidade das Forças Armadas. Graças a essa unidade, a essa conduta impecável, submetidas às ordens do seu comandante supremo, expressão do poder político, sínteses de todos os poderes, vem sendo possível alcançar os êxitos institucionais que temos alcançado.

Senhores ministros, senhores oficiais-generais,

Tivemos um ano difícil. Mas quantos anos difíceis já tivemos e teremos de ter no passado e no futuro, em toda a caminhada? Nem por isso o Brasil deixou de construir a sua grandeza e assegurar a certeza do seu lugar no mundo e do seu destino.

Mesmo em meio a dificuldades continuamos crescendo num mundo em recessão, mantendo alto o nível de emprego, alcançando recôrdes como o da maior safra agrícola, investindo em energia, transporte, indústrias de base, descobrindo novos recursos minerais, avançando espaços de tecnologia de ponta e silenciosamente ampliando cada vez mais os programas sociais que melhoraram a vida de milhões de brasileiros mais pobres.

Não temos, portanto, motivos nem para lamentações nem pessimismos. A história do homem é a história da coragem, de vencer dificuldades, superar obstáculos.

Firmemente em meio a todas as incompreensões, dou o exemplo de minha serenidade e da minha confiança. Existem grupos minoritários que procuram inocular a cada dia o pessimismo, o protesto, a descrença em nosso modelo de vida, em nossas instituições. Vão da palavra à violência. É uma técnica para desestabilizar. É a chamada política da terra arrasada, a mais arrasada de todas as políticas.

Senhores ministros, senhores generais, senhores almirantes e senhores brigadeiros:

Agradeço aos ministros Henrique Sabóia, Leônidas Pires Gonçalves, Octávio Moreira Lima e ao brigadeiro Paulo Camarinha a ajuda que têm prestado ao meu governo no assessoramento das decisões tomadas na área militar.

Sei que estamos todos nós prontos para defender as nossas fronteiras hoje ameaçadas pelo narcotráfico, pelos movimentos desestabilizadores que atuam em grupos de violência em países vizinhos, resistir à cobiça em nossos recursos nacionais, zelar pelos vazios imensos dos territórios que nos foram legados pelos nossos antepassados. Nessas áreas aí está a presença vigilante e civilizadora de nossos soldados, de nossos marinheiros, de nossos aviadores.

Na solidão dos seus quartéis, na assistência às populações desvalidas, na abertura de estradas, aeroportos, patrulha de nossos rios e costas.

Há o exemplo de Caixas, de Rondon, de Tamandaré e Barroso, de Osório, de Sampaio, de Eduardo Gomes, de Mascarenhas de Moraes, símbolos desse espírito pioneiro, defensor, patriótico, humano e heróico de nossas Forças Armadas.

O mundo de hoje é sem dúvida um mundo transformado. As grandes potências tentam trazer suas divergências para os nossos territórios, transformando-as em posições políticas nas nossas lutas nacionais. Devemos nos acautelar para não sermos caudatários nem prisioneiros desse jogo de interesses.

Estamos também preparados para que isso não prospere e se situe nos exatos limites da liberdade constitucional assegurada pelas nossas leis.

Estamos preparados para lutar contra a desestabilização, aqueles que fazem da democracia o caminho ao suicídio.

Estamos preparados para resistir à agressão econômica, a defender nossas riquezas, a enfrentar retaliações, enfim, a assegurar o exercício de nossa soberania.

Implantaremos a democracia e seus valores, e presente nessa tarefa estará a contribuição decisiva de nossas Forças Armadas patrióticas e abnegadas no cumprimento do dever.

Quero agradecer-lhes esta homenagem, e desejar-lhes Natal feliz e Ano Novo feliz, votos que estendo aos familiares dos que aqui se encontram.

E para concluir esta solenidade, esta confraternização, levanto um brinde à grandeza, à prosperidade e à paz de nossa Pátria, de nosso povo e de nossas Forças Armadas.

Muito obrigado.

“O momento exige seriedade”

Esta é a íntegra da saudação dos ministros militares ao presidente da República: Excelentíssimo senhor presidente da República Exmos. srs. ministros militares Exmos. srs. oficiais-generais.

Os instantes de alegria e remotação próprios de um final de ano trazem-nos, também, a oportunidade de reunir elevada parcela de nossos almirantes, generais e brigadeiros para, mais uma vez, afiançarmos o respeito das Forças Armadas ao simbolismo instituído na pessoa do presidente da República.

Esse consentido respeito que praticamos faz parte do ideário que o militar cedo aprende e para sempre conduz, visando a preservação das instituições que a Nação lhe confiou.

Senhor presidente, nesse sentido julgamos oportuno refletirmos sobre a essência de nossa existência, como expressão da vontade de um povo, o qual em sua identidade de pensar e querer decidiu fardar parcela de sua gente e lhe confiar significativa responsabilidade na defesa de seus bens culturais e materiais.

Embasado nesta mesma vontade soberana, esse povo que por tanta comunhão de propósitos nominou-se Nação, modelou a si um presidente e o fez, também, comandante supremo dessa Força que será empregada quando sentir-se a Nação ameaçada em seus lúdimos interesses, em suas

verdadeiras aspirações, em seus maiores valores e nos seus sagrados direitos.

Eis o que entendemos ser a missão do militar.

Ao longo de nossa História muitos foram os caminhos que trilhamos, todos no afã de andar de passo certo com a nossa gente, por uma única e justa razão — somos parcela indivisível de um todo, acertamos e erramos todos juntos.

Senhor presidente, o compromisso da transição tem sido pródigo em desafios. Os avanços e recuos provocados por situações que reclamaram ou geraram decisões as mais diversas, marcaram os traços de prudência e serenidade de vossa excelência e a visão de quem sabe ser a reconstrução democrática o objetivo do qual não nos podemos afastar.

Conduzir, com firmeza e ordeiramente, o povo brasileiro para um estágio superior de exercitação democrática, inspirado não na subversão semântica das minorias, mas na consciência coletiva que nos caracteriza como Nação organizada — esta, senhor presidente, a compreensão que temos sobre a nobre missão que a História nos reservou, como homens públicos, em particular a vossa excelência que tem a responsabilidade de liderar-nos, nesta fase decisiva de nosso aperfeiçoamento político.

A nossa formação militar concede-nos bem entender o que seja decidir e comandar premido pela força das circunstâncias. Na arena política,

as ações se assemelham à estratégia militar. As vividas no campo tático são apenas elementos do combate e quem identificar avanços ou recuos como vitórias ou derrotas pode incorrer em erro de entendimento e perspectiva.

Preocupam-nos os equívocos de muitos que disputam os espaços políticos, em uma conjuntura mutante e cuja análise de tendência será sempre uma proposição de risco. Mais do que nunca é necessária a preservação de líderes que darão conseqüências práticas ao processo de reconstrução política do País, que não terminará com o ato de promulgação de uma nova Carta Magna.

Estamos seguros de que não há processo de transição que não traga em si a marca da divergência, resultante do entrelcho de idéias tão comum no convívio democrático. Entretanto, o momento atual está a exigir de todos que detêm parcela de liderança nesse país, seriedade, civismo, equilíbrio e moderação, para que possamos receber do povo compreensão, tolerância e respeito.

Só assim, evitaremos a substituição do entrelcho das idéias pelo entrelcho dos homens.

Ai está, senhor presidente, o que entendemos ser uma responsabilidade comum das lideranças de todos os segmentos de nossa sociedade, em particular do cidadão.

Nesse momento desejamos identificar os caminhos da estratégia que nos levará, como cida-

dados e militares, ao cumprimento da expressão da vontade de nosso povo. É assim que empenhamos a vossa excelência apoio para os embates que ainda poderá enfrentar. Estaremos vigilantes quanto à postura e passos que mistifiquem a vontade geral e que, em nome do primado da democracia, visem a ela mesma destruir.

Se a liberdade e a democracia são objetivos da nação brasileira, nós, povo brasileiro que somos, tudo faremos para atingi-los.

Assim resumimos, senhor presidente e comandante, o que compreendemos ser a missão das Forças Armadas, em sua qualidade de povo fardado.

Nesta oportunidade desejamos agradecer a vossa excelência o apoio incondicional com que tem distinguido as Forças Armadas, no atendimento às suas necessidades básicas, e a sua compreensão e disposição para transformá-las, a longo prazo, na organização ideal exigida pela sociedade brasileira.

A vossa excelência, presidente José Sarney, reafirmamos, junto às emoções natalinas que enjancamos para sua família, a nossa lealdade de princípios e disposição de fidelidade aos valores, exemplos e palavras que florescem como coisas vivas.

Convido a todos para um brinde que expresse esta nossa unidade de pensamento.

Muito obrigado.”